

O REFLEXO PSICOSSOCIAL DE UM TEMPO TRADUZIDO EM ROUPAS: A MODA DAS DÉCADAS DE 1930 A 1970 NO BRASIL ATRAVÉS DA VIDA DE AMÉRICA FERREIRA MELCHIORI

BIAGI, Orivaldo Leme¹; ABBAS, Mel Lyz Ferreira².

<https://doi.org/10.60035/1678-0795.momentum-v2n24-548>

RESUMO

Mesmo sendo um dos campos mais populares na vida social, a moda tende a ser negligenciada nos estudos acadêmicos. Vista como “imagem passageira” ou “pensamento superficial”, quando não “fútil”, a moda, assim como outras manifestações culturais, apresenta representações sociais e históricas muito significativas – ela demonstra uma forma de ver o mundo dentro da sua dinâmica (roupas, comportamentos etc.). No presente estudo, finalizado em 2023, as imagens de apoio datam das décadas de 1930 a 1970 no Brasil e, ao compará-las aos desfiles de alta-costura deste ano (2025), é possível ver o retorno dos modelos e ideais representados pelas peças. Assim sendo, esta pesquisa aborda a moda como uma construção social e cultural humana, ou seja, é um campo significativo para o estudo de certos grupos e momentos históricos e sociais e da vida de América Ferreira Melchiori.

Palavras-chave: moda; feminismo; história; poder simbólico; construção social.

ABSTRACT

Even though it is one of the most popular fields in social life, fashion tends to be neglected in academic studies. Seen as a “passing image” or “superficial thought”, if not “futile”, fashion, like other cultural manifestations, presents very significant social and historical representations – it demonstrates a way of seeing the world within its dynamics (clothes, behaviors, etc.). In the present study, completed in 2023, the supporting images date from the 1930s to the 1970s in Brazil and, when comparing them to this year's haute couture shows (2025), it is possible to see the return of the models and ideals represented by the pieces. Therefore, this research approaches fashion as a human social and cultural construction, that is, it is a significant field for the study of certain groups and historical and social moments and the life of América Ferreira Melchiori.

Keywords: fashion; feminism; history; symbolic power; social construction.

¹Mestre e Doutor em História pela UNICAMP e Pós-Doutor em Relações Públicas pela USP. *E-mail:* orivaldo.leme.biagi@gmail.com

² Aluna do curso de Jornalismo do Centro Universitário UNIFAAT. *E-mail:* abbasmel05@gmail.com

INTRODUÇÃO

Mesmo sendo um dos campos mais populares na vida social, a moda era negligenciada nos estudos acadêmicos. Vista como “imagem passageira” ou “pensamento superficial”, quando não “fútil”, a moda, assim como outras manifestações culturais, não disputava um lugar relevante nos estudos culturais.

Tal situação mudou de maneira profunda nos últimos anos: a moda ganhou novas visões e abordagens, adquirindo uma relevante importância nos estudos acadêmicos. A moda apresenta representações sociais e históricas muito significativas – ela demonstra uma forma de ver o mundo dentro da sua dinâmica (roupas, comportamentos etc.) –.

Pode-se definir moda como um conjunto de opiniões, gostos, bem como modo de agir e viver, sem contar a existência de um sentimento coletivo. Dentro dessa definição, ela apresenta significativas representações sociais, sendo, portanto, parte da construção intelectual de seu momento.

Assim, a moda nada tem de “passageira” (por mais rápida que seja o tempo de suas tendências), “superficial” (as aparências, por mais frágeis que pareçam, carregam fortes representações sociais) e “fútil” (muitas vezes são os grupos sociais que procuram, de acordo com seu momento cultural, definir o que é importante e o que não é – o que demonstra que tanto o “fútil” quanto o “útil” não passam de construções sociais e, portanto, importantes para os estudos –).

A moda é uma construção social e cultural humana, ou seja, é um campo significativo para o estudo de certos grupos e momentos históricos e sociais. Sendo um campo significativo, pode-se também considerar seu papel como o de um dos principais instrumentos de dominação e o menos considerado por sua compreensão ser lida como “fútil”: a indumentária e seus atributos de poderio econômico, simbólico e cultural, conforme estudo realizado por Braga e Prado na obra *História da Moda no Brasil* (2011).

Questões de poder envolvendo aspectos visuais e comportamentais são antigas na História, como pode-se observar no site Ancient Origins, a prática do *Oraguho*, ou seja, conjunto de práticas (modismo) datado do século VI e vivido pelas japonesas por seu status: os dentes negros eram beleza, riqueza e poder. Independentemente do local, lá está a linha de segregação da indumentária: todos estão sujeitos ao modo dos sujeitos no poder. Mas não se pode esquecer que não existe apenas dominação nas relações sociais da moda: ela

também ajuda a permitir criações que vão além dos interesses dominantes, como pode ser destacado nos movimentos Beat, Hippie e Punk (Ancient Origins, 2021).

Muito das modernidades, não necessariamente desejadas pelo conservadorismo de sua época, ganharam dimensões com a moda – quer elas inspirando a moda ou a moda as inspirando –.

Observado o contexto de produções relacionadas a moda no ano de 2025, dois anos após a conclusão desta pesquisa, é possível ver exatamente o mesmo padrão de vestimenta e pensamentos explorados neste trabalho retornando às passarelas: com o momento político e social conservador em voga, as roupas mais uma vez fecharam-se e retornaram aos modelos explorados nesta pesquisa, tornando-a ainda mais atual.

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada no CEPE da UNIFAAT, já encerrada. A pesquisa procurou trabalhar com o conceito de moda, seus debates mais significativos e sua importância na vida cultural, contando com o acervo documental da própria América Melchiori Ferreira³.

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Uma Vida e a História

Caminhando pelo passeio público, o pólen coça os narizes dos jovens que andam sob o tórrido sol de dezembro; os violinos dentro do coreto, todo um quarteto de cordas, entregam docemente suas últimas castas no ar, preparados para outra música.

O verão de 1943 ainda não vicejou para o perfil imponente, ainda que jovem, de América Ferreira Melchiori. Ela não sabe que será história, um dia; sabe que, com seus poucos pertences, recém-chegada na cidade de Casa Branca, terá aulas no ano seguinte da segunda série. Sabe, de algum lugar profundo, que nunca vai pedir nada a ninguém, e ali é o primeiro passo para estudar, para ser independente.

Parece uma história distante, longínqua, mas é sobre uma avó. É uma América, mulher Continental, gigante em ações como o nome sugere, que mostrará a história do pensamento de uma época, vestida e aplicada, em seu tempo histórico. Na data deste texto, ela é uma senhora ativa de 87 anos, vividos com um humor ácido e um "bár.ba.ro" logo sob a língua.

³ Além do acevo pessoal, também contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa a entrevista concedida por América Ferreira Melchiori em 23 de fevereiro de 2023.

Busca-se, por meio deste trabalho, uma observação parcial do panorama que criou a inspiração desta pesquisa, ou seja, as roupas e comportamentos de América, pesquisando o máximo possível de informações dentro do limitado tempo que se tem. Pierre Bourdieu, em seu livro *O Poder Simbólico*, apresentou uma frase absolutamente verídica e que norteará este trabalho: "Pessoas são história, pessoas têm história" (Bourdieu, 1989).

Figura 1 - América Melchiori Ferreira ainda bebê, 1935



Fonte: Acervo pessoal de América Melchiori Ferreira.

É válido estudar uma pessoa apenas para contextualizar uma época e um elemento cultural (moda)? Pode ser apenas uma amostragem, mas significa muito historicamente para se entender o momento – as estruturas culturais que América estava enfrentando diz muito sobre a sociedade da época, mesmo que ela seja uma exceção dentro daquele contexto –.

O historiador Carlo Ginzburg, na sua obra *O Queijo e os Vermes*, que estuda a leitura cultural realizada pelo moleiro Menocchio, levanta o problema da relevância de trabalhar com as ideias de um indivíduo único em relação aos de seu nível social (1987).

Mas, assim como Menocchio não era “um camponês ‘típico’” (Ginzburg, 1987, p. 27), América não é uma mulher “típica” de seu tempo, e sua leitura cultural (e enfrentamentos) revela um universo cultural intenso. As questões sobre a moda deixam esse universo cultural ainda mais rico e tenso – enfrentar um universo com predominância masculina, tanto nas práticas sociais quanto na escolha cultural, indica um momento histórico bem preciso –.

1.2 Conservadorismo Político e Social no Brasil

O conservadorismo moral foi (e continua sendo) uma das marcas da cultura brasileira, em particular pelo papel da mulher na sociedade – a “superioridade” masculina impondo o

“papel de mulher” na sociedade é antiga, vindo da estrutura patriarcal das primeiras formações nacionais (o senhor de engenho era o dono de todos e hierarquicamente superior, com a mulher representando sua propriedade e lógica de total submissão) – (Schwarcz; Starling, 2015).

Nesse sentido, o papel da mulher estava definido: ela deveria ser “virgem” para casar-se, “esposa” e “dona de casa” para seu marido e “prostituta” caso não conseguisse ser nenhuma das duas condições anteriores.

O papel da moda era limitado inicialmente – o tradicionalismo das roupas era baseado na lógica conservadora da sociedade –. Com o tempo e outras referências culturais, tal situação iria se alterar.

O filósofo Michel Foucault defendia que o século XX não passava de uma continuidade do século XIX – ideia bastante coerente, pois muitas das características do século XIX (desenvolvimento tecnológico, avanços na área de medicina, crescimento do capitalismo – e das guerras – etc.) ficaram mais intensas no século XX (Eribon, 1990).

Depois de 1945, pode-se observar uma fragmentação cultural de grandes proporções produzida, principalmente, pelo desenvolvimento dos meios eletrônicos (inicialmente a televisão e, depois, a informática), que inundou as sociedades com um volume gigantesco de informações (Barnard, 2003). Tal fragmentação iria começar a contestar os valores mais tradicionais e provocar alterações profundas na vida das pessoas – e na vida cultural de cada país –.

O Brasil também mudou, mas dentro do seu ritmo. Em termos culturais, a educação no Brasil sempre foi de elite (com intensa valorização da cultura europeia em relação a outras), muito desigual, valorizando: 1 - elementos conservadores no comportamento; 2 - desprezando o novo, visto como algo quase sempre negativo; 3 - e pregando obediência às autoridades (Prado Júnior, 1984).

Em termos sociais, foi criada uma lógica familiar patriarcal, ou seja, o homem é o chefe da família e deve ter a obediência dos demais; o primogênito tem preferência na administração do engenho e o papel da mulher é como esposa e mãe (Fausto, 1996).

Não que não se tenham momentos peculiares. Um fato curioso em termos de moda aconteceu com a vinda da Família Real em 1808: as mulheres que chegaram ao Brasil nos navios vieram com os cabelos cortados e usando uma espécie de turbante, sendo imitadas pelas mulheres brasileiras no Rio de Janeiro (Fausto, 1996). Na verdade, os cabelos foram cortados por causa dos piolhos, e os turbantes, feitos com os tecidos à disposição, eram o que possuíam para cobrir suas cabeças.

A Proclamação da República em 1889, com seus discursos de mudança e da transformação da sociedade brasileira, não mudou a estrutura do país: os variados interesses de grupos e a instabilidade política foram as marcas do Brasil republicano, gerando crises e derrubadas de presidentes. A república não mudou a estrutura hierárquica e conservadora do país (Carvalho, 1989).

As décadas de 1910 e 1920 no Brasil seriam marcadas por governos republicanos autoritários, justificados pela figura jurídica do estado de sítio, procurando impedir as manifestações e luta de direitos de grupos minoritários ou economicamente mais fracos.

Mas a moda começava a ganhar destaque no Brasil no período. As revistas eram realidade no país desde o final do século XIX, mas iriam crescer na década de 1920: *Revista da Semana*, *O Cruzeiro*, *Fon Fon* e *A Cigarra*. A *Fon Fon* destacava uma novidade tecnológica: a buzina de um carro (Biagi, 2003).

De um modo geral, as mulheres estavam livres dos espartilhos típicos do século XIX, mostrando uma silhueta tubular; as saias estavam relativamente mais curtas, mostrando mais as pernas e o colo; os produtos de maquiagem principais eram o batom e o carmim (em forma de coração); meias-calças, decotes, chapéus variados e moda-praia eram as novidades para as mulheres – homens continuavam com ternos, calças largas e chapéus –.

O Teatro de Revista era o grande meio de comunicação popular na época – e as danças e histórias cômicas levavam um grande público no Rio de Janeiro –. E os artistas, em particular as atrizes e dançarinas, influenciavam a moda (Veneziano, 2013). As iniciativas femininas eram muito tímidas – os negócios continuavam em nome dos pais e maridos –.

A crise econômica de 1929 e o fortalecimento de grupos contrários ao conservadorismo político da época, destacando a figura de Getúlio Vargas, iria derrubar a República Velha em 1930. Os vários governos Vargas que se seguiram até 1945 iriam colocar a indústria em primeiro plano na economia do Brasil (Fausto, 1996). Com o fortalecimento da industrialização e de uma, mesmo que tímida, diversificação cultural, começavam a se criar padrões de comportamento e de roupas.

A moda dos anos 30 tinha como referenciais o esporte, a vida ao ar livre e os banhos de sol – dando origem aos maiôs –, sendo que os decotes também aumentaram. O padrão físico da mulher também começava a mudar: dos belos rostos em corpos robustos para belos rostos com corpo magro e bronzeado, além de valorizado pelas práticas esportivas. As saias ficaram longas e os vestidos justos e retos – acompanhados, normalmente, por pequenas capas ou um bolero – confeccionados com algodão e casimira, em particular nos vestidos utilizados à noite.

As mulheres começavam, timidamente, a poder realizar iniciativas comerciais (como ser donas de negócios) e a participar politicamente da sociedade (tiveram o reconhecimento do direito de voto a partir do Código Eleitoral de 1933) (Fausto, 1996). Foi nesse contexto histórico que viveu América Ferreira Melchiori.

2 AMÉRICA FERREIRA MELCHIORI

2.1 Nascimento e Desenvolvimento da Vida de América Ferreira Melchiori

É possível encontrar várias pessoas importantes na vida de América Ferreira Melchiori. Aqui apresentam-se os que aparecerão neste trabalho, em ordem de nascimento: Honorato Ferreira, avô de América e dono do cartório; Anésia Ferreira, que por uma questão identitária será citada sem seu nome de casada; Joaquim Melchiori (Joanim); Benedita Ferreira Melchiori (Dita); Nívea Melchiori Francisco; América Melchiori Ferreira, que apenas realocou o nome de sua mãe ao se casar. Nas imagens haverá aparições especiais, como as de Gilbert Francisco, Aparecido Melchiori e de Sônia Andrade.

Nascida em 16 de dezembro de 1935, América foi registrada na cidade em que nasceu, São Sebastião da Gramma, pelo seu avô, Honorato Ferreira (na época, os cartórios eram empresas passadas de pai para filho e não um bem público, com concursos e estudos; era comum que os filhos tomassem o cargo de seus pais quando esses envelhecessem). A família Ferreira, de sua mãe, demorou a apoiar o casamento de Benedita com Joanim, já que este gostava de ir aos coretos e passeios e fazer inflamados discursos a favor de Mussolini, coisa essa malvista em uma família de políticos dos anos trinta; seria como, em tempos vindouros, ter na família um marqueteiro político da oposição.

Figura 2 – Pais de América, s/d

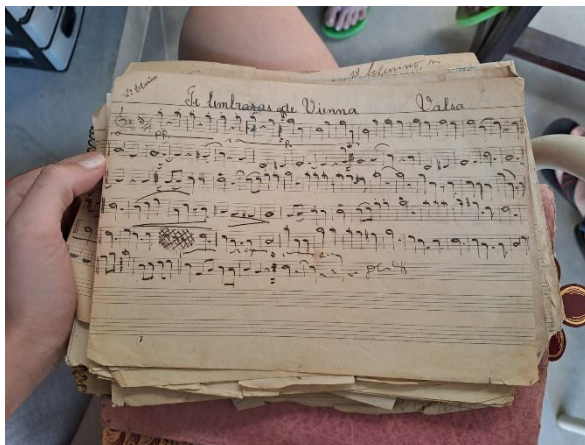


Fonte: Acervo pessoal de América Melchiori Ferreira.

Havia visíveis linhas de distinção polarizada: havia os a favor dos Aliados da Segunda Grande Guerra e os contra. Sem meio termo: ou se estava com os Estados Unidos ou contra

eles; assim, alguns nomes e lugares eram perigosos de se dizer, como já apresentado. Nesse caso, tinha-se um homem contra os queridos do Tio Sam, que inclusive propagava seus ideais em suas composições, como na valsa “Te lembrarás de Vienna”, abaixo, feita para todos os instrumentos da banda que regia, inclusive.

Figura 3 – Partitura, s/d



Fonte: Acervo pessoal de América Melchiori Ferreira

Por sua oposição latente ao lado vencedor da guerra, Joanim passou a ter severas dificuldades em seu ofício como alfaiate, dificuldades essas que a família de sua esposa tentou suprir de diversas formas: Honorato alugou para a família de sua filha uma metade de carroto para que saíssem de São Sebastião da Gramma rumo a Mairiporã, levando consigo os filhos mais jovens; à época, Anésia se prontificou a criar Nívea, sua afilhada, custeando seus estudos e tudo mais de que precisasse.

De fato, Nívea voltou para a casa de seus pais poucas vezes na infância, o que limita o número de fotografias dela no acervo de propriedade da aluna pesquisadora, fonte de estudos deste trabalho. Assim, das poucas fotos existentes, pode-se tirar poucas conclusões, mas uma delas é indiscutivelmente o lado *fashion* do perfil de suas roupas: a foto ao lado do casal Benedita e Joanim data de 1949, época em que bons tecidos eram escassos e caros; e as listras estavam na moda, ambas coisas que Nívea vestia e não lhe faltavam.

Figura 4 – América e Nívea (1949)



Fonte: Acervo pessoal de América Melchiori Ferreira

América viu quando aconteceu o uso das roupas. Ali, teve seu primeiro contato com a moda, com o fenômeno de pensamento que ela é, com sua força. Ela, mais tarde, escolheria esse destino para si, escolheria o Poder Efêmero que se tornou Império Oligárquico de poder, definido por Lipovetsky precisamente no trecho:

[...] a inconstante da moda, assim como suas diversas manifestações, invariavelmente explicadas a partir dos fenômenos de estratificação social e das estratégias mundanas de distinção honorífica. Em nenhuma outra área o conhecimento erudito instalou-se a esse ponto no repisamento tranquilo, na razão preguiçosa explorando a mesma receita boa para todas as ocasiões [...] (Lipovetsky, 1989, p. 14).

Correndo do seio familiar e indo em busca de sua independência econômica, ela não sabia quanto a moda lhe auxiliaria em sua emancipação: dando o primeiro passo ao afrontar seu pai para que fosse estudar, olhando em seus olhos ao dizer que deveriam ser desfeitos os arranjos para que ela trabalhasse como empregada doméstica. América foi de encontro a Anésia e escolheu seu caminho.

Na foto abaixo, estão Joanim e suas filhas; da esquerda para a direita, está Nivea, reservada; à frente, com mão na cintura e posando com suas pernas, está América, com olhos desafiadores no auge de seus doze anos; Theresa, que morreu na juventude, e Anésia. A foto foi tirada em 1947, na cidade de Casa Branca.

Figura 5 - Foto da Família (1947)



Fonte: Acervo pessoal de América Melchiori Ferreira

Seu olhar na foto fornece uma ideia para se imaginar o que virá a seguir, em sua foto da carteira de trabalho: no referido documento, constam dois empregos: um como escriturária e outro como professora primária.

Figura 6 - Carteira Profissional de América Melchior Ferreira, década de 1950



Fonte: Acervo pessoal de América Melchiori Ferreira

Ela nunca foi doméstica, conforme os desejos de seu pai, nunca permitiu que, como definiu Bourdieu (1989, p. 12) sobre os sistemas simbólicos, “[...] a apreensão da ordem estabelecida como natural (ortodoxia) por meio da imposição mascarada (logo, ignorada como tal) de sistemas de classificação e de estruturas mentais objetivamente ajustadas às estruturas sociais” a diminuíssem.

Muito pelo contrário, ela usou de todos os artifícios convencionais para se situar na sociedade como independente: ia à missa, vestia-se com elegante ousadia, tinha seu próprio dinheiro e não se importava com a opinião dos que não gostavam, como mostra nas entrevistas feitas; nas palavras dela: “[...] Havia colegas e amigas, bem como as mães delas que eram uns purgantes; elas me tratavam mal porque não tínhamos (em minha família) bonecas, nem muita roupa[...]. O seu Elías, dono do armazém, era gente boa, como as filhas! [...]” (entrevista de América Ferreira Melchiori, 2023) (grifos nossos).

Seu olhar é desafiador, tanto que suas roupas “Gibson Girl” mostram que ela decidiu vestir o poder. Tudo, desde os cabelos ao batom, sugere confiança, poder, autonomia, coisas essas improváveis para uma mulher na época; mesmo assim, tem-se um retrato de “Mulher Fatal” abaixo, contrariando as expectativas.

A seguir será apresentado mais sobre a vida da mulher que vive ainda e das que a moldaram.

2.2 Lugar de Mulher

Uma emancipação em níveis absolutos para as mulheres é algo relativamente novo; ter uma profissão além de “do lar” era algo ainda inédito. A herege ideia de uma mulher ser detentora de bens só veio a cair em desuso de uma só vez nos anos 80, com a evolução, dentre outras coisas, da indumentária e dos contraceptivos.

Tem-se noticiado, em 1932, no jornal *Folha da Noite*, datado de 28 de dezembro de 1932, o essencial nos estudos femininos das classes mais ricas: moças que sabiam música, socialmente falando, eram mais bem aceitas que as moças letradas. Uma filha mulher, na época, servia para limpar a casa, a latrina e ser moeda nos acertos políticos de casamentos arranjados.

Figura 7 - Anúncio do jornal Folha da Noite (1932)



Fonte: Acervo Folha

Adentrando o campo da fenomenologia, Lipovetisky (1989, p. 35) fala sobre a “[...]crise profunda, geral, em parte inconsciente, em que se encontra na realidade a compreensão global do fenômeno”, quando se refere ao instrumento de dominação *Modae*. O termo aqui se enquadra pela compreensão da moda além de apenas roupas, mas sim como um estilo de vida absoluto na sociedade pós-Revolução Industrial, mais ainda se se salta aos dias atuais, que, no âmbito filosófico, foram denominados por Bauman (2000) de “Modernidade Líquida”.

Remonta-se aos longínquos e analógicos anos de 1930: o contexto histórico primário para essa década num todo certamente é o político. As agitações causadas pelas saias acima do joelho na década anterior agora estavam com todo seu poderio nas ruas, desde os chapeuzinhos para andar na cidade até nas piscinas e praias; a fortuna de novidades em que, a exemplo, o cartunista Belmonte “bebeu” para suas caricaturas era inegavelmente chocante: tanta pele, meias-finas e maquiagem inegavelmente eram novidades interessantíssimas para as adeptas desses modismos e para os que de fora viam (Nosso Século, v. II, 1985).

Segundo descrições orais, Nésia não era adepta deste estilo de vestimenta, mas sim de algo mais conservador: blusas com gola, terninhos e calças eram mais a sua coisa. Em foto com suas irmãs, ela se destaca usando cores opostas às delas, escuras e com desenho de gola em V.

Figura 8 – América e colegas com as roupas da moda, s/d



Fonte: Acervo pessoal de América Melchiori Ferreira

Bourdieu (1989, p. 14) escreveu sobre o contraste e seus efeitos: “[...] Dito por outras palavras, a interação é a resultante visível e puramente fenomênica da intersecção dos campos hierarquizados”; não se poderia formular uma frase para descrever um primeiro olhar a esta fotografia.

Vestir-se pode ser um ato político. Tudo que é posto, exposto ou escondido, um milimétrico cálculo, mostra intenção, poder. Caso se desacredite dessa afirmação, pode-se simplificar desta forma: todas as fotografias deste trabalho são partes de um acervo pessoal; considerando que se fala dos anos 30, 40 e 50 do século passado, não é necessário dizer o grau de poderio econômico para se ter uma câmera, as roupas das modas e o poder de escolha sobre a própria vida.

Bourdieu (1989, p. 22) afirmou, sobre os estudos de uma sociedade, que em

[...] primeiro lugar, é um espaço pré-construído: a composição social do grupo está antecipadamente determinada. [...] é preciso saber quem é excluído e quem se exclui. [...] é preciso pois considerar as taxas de representação (no sentido estatístico e no sentido social) das diferentes categorias (sexo, idade, estudos etc.), logo, as probabilidades de [...] acesso à palavra, mensurável em tempos de expressão.

Partindo dessa afirmativa, as entrelinhas de todo esse trabalho permeiam o fenômeno das pessoas-História, e pode-se afirmar que as mulheres acima eram simultaneamente excluídas e excludentes: eram excluídas dos espaços de convenção masculina, como eleições e clubes; e excludentes de espaços convencionais femininos, tendo seu próprio dinheiro, posses, dirigindo

carros e usando calças. Criaram, portanto, sua própria esfera de convívio e ideário de social, adequadas de ideias e viveres próprios.

Agora que as ideias se estruturam, volta-se à fazenda, ao café e a América. Ao chegar em Casa Branca, América teve de aprender a fazer de tudo: desde lavar e passar roupa até encerrar o chão, hábito comum pelos pisos serem majoritariamente madeira. Ela, portanto, barganhou sua moradia e alimentação. Não chegou em um cenário faustoso, mas o encontraria.

Na data, uma outra sobrinha de Anésia fora também a Casa Branca estudar, Sônia Andrade. Sendo elas primas, tornaram-se quase inseparáveis, como irmãs, nos anos seguintes, mantendo contato até os dias de hoje para colocar o assunto em dia vez ou outra; a geografia as afastou um pouco, depois das décadas, já que Sônia foi para Londrina constituir sua vida, mas outro laço as manteve próximas, de forma até curiosa: Nívea casou-se com um primo de Sônia, Gilbert.

Pertinente dúvida que talvez seja levantada é a estranheza desse casamento ao primeiro olhar, mas Gilbert era primo de Sônia por seu lado paterno, que nada tem a ver com o parentesco de Sônia e Nívea; assim, é apenas um “causo” cômico.

Em Casa Branca, têm-se poucos registros fotográficos de América na década de 1940, portanto recorre-se aos seus relatos orais durante os anos. Ela chegou para fazer o segundo ano do Tempo Primário, expressão usada na época para o equivalente ao fim do ciclo de alfabetização infantil, e concluiu seus estudos como professora primária na cidade, em 1954, conforme pode-se perceber na imagem seguinte, de sua caderneta de estudante para ter desconto no cinema da cidade.

Figura 9 – Caderneta de estudante de América Melchiori Ferreira, 1951



Fonte: Acervo pessoal de América Melchiori Ferreira

Em um panorama mundial, a moda tinha, e ainda tem, seu coração na França; têm-se registros que comprovam isso datados da Era Vitoriana, através de miniaturas de modelos como a Lady Clapham; assim, pode-se assumir que Coco Chanel não é um nome desconhecido, e sua influência muito menos (<https://collections.vam.ac.uk/item/O41517/lady-clapham-doll-unknown/>). No auge da fama na Segunda Guerra, em 1930, seus perfumes e modelos vestiam desde a rainha Elizabeth até as moças brasileiras, como América e Nivea.

É seguro dizer, segundo os materiais indiretos da época que se tem, como a foto abaixo de um desfile cívico conduzido pelo Maestro Joanim Melchiori, que suas roupas tinham toda a influência do símbolo de elegância Chanel.

Figura 10 – Ambiente escolar, década de 1940



Fonte: Acervo pessoal de América Melchiori Ferreira

O civismo já era fundamental para a época, não muito antes de se ter um severo regime militar no país, e todo um código de vestimenta era necessário para as manifestações do amor à pátria. Professoras conduziam seus alunos pelas ruas, comportando-se de acordo com a solene ocasião, exibindo todo seu orgulho da instituição de ensino. Têm-se agora os anos vindouros.

2.3 Décadas de 1960 e 1970

A juventude ia a bailes, à escola, aos museus: cada ocasião exigia uma roupa, cada lugar tinha seu código próprio de vestimenta; não se usavam as mesmas roupas para dois fins. América se situava na sociedade com elegância, mas seu referencial de moda já havia mudado. Agora, os Estados Unidos já haviam tomado tanto espaço e importância, que a França finalmente decaiu em poderio.

Na Figura 11, é possível observar um típico modelo de vestido norte-americano da época.

Figura 11 - Catálogo da National Bellas Hess, Coleção Inverno 1960-1961

Fonte: <https://images.app.goo.gl/XpFJrs4nqwNjfBNJ8> (2025)

E, segundo a moda, pode-se observar América com seu irmão em um baile típico da década de 1960.

Figura 12 – América com o irmão em um baile, década de 1960

Fonte: Acervo pessoal de América Melchiori Ferreira

A ditadura militar dava seus primeiros passos. América entendeu o jogo de cintura necessário para manter-se bem e vestiu seu silêncio: nada lhe aconteceu no período. Foi uma simples civil, adequando-se à necessidade da época, pois, como Alencar (2022, p. 18) disse:

“A Moda não se resume somente às roupas e outras materialidades, apesar de automaticamente isso ser feito, podendo desdobrar-se nos mais diversos setores que compõem o plano abstrato – das ideias, do imaterial – como algo em vigor que atinge o senso comum. [...]”.

O mundo lá fora avançava: os hippies e as feministas tomavam as ruas, mudavam a realidade. Mas não no Brasil. Até 1985, o Brasil esteve fora desse jogo, controlado por um regime ditatorial que não permitia avanços (Skidmore, 1996).

Na foto, observa-se América ao centro, ostentando um belo vestido; o francês já não era mais matéria obrigatória nas escolas, sendo substituído por aulas de puericultura, onde abordavam a maternidade como foco de vida da mulher comum.

A vida para a mulher tinha regredido graças ao regime, mas América deu um jeito. Formada no curso normal, nossa persona já lecionava em Tupi Paulista, divisa com Mato Grosso, vivendo sozinha em uma localidade distante de seus pais, incomum também na época. Além de suas matérias comuns, dava aula de costura e bordado. Nesta etapa da vida, América estava na fase que Gouveia (2007, p. 37) descreve:

A lógica da competência começa, assim, a instalar-se na definição das profissões, na formação contínua, na adaptação e orientação profissionais e procura ser uma resposta à desadequação constante entre a lógica do emprego e a flexibilidade acrescida das organizações de trabalho.

A adequação ao momento permitiu a América passar despercebida.

Nívea já era casada, mãe. América, portanto, era tia. Não tinha pretendente, e todos diziam que *ficaria para tia*. Surpreende a todos, então, quando no final de 1960, conhece Benedito Ferreira... E casa-se.

Figura 13 - Casamento de América (1972)



Fonte: Acervo pessoal de América Melchiori Ferreira

Chegando à década de 1970, finalmente o “cupido flechou o coração” de América e ela casou-se, em 1972, com Benedito Ferreira; as más línguas “deram nós” após esse arranjo... Que dirá quando, apenas 10 meses depois, o casal já tinha sua primeira filha, Greyce. Um ano

e nove meses após o nascimento da primeira filha, a família Ferreira estava completa com a chegada de sua segunda filha, Glauce.

Figura 14 – América, junto de seu marido e suas duas filhas (1976)



Fonte: Acervo pessoal de América Melchiori Ferreira

América, segundo sua própria narrativa, encontrou o amor e o companheirismo, por isso se casou; isso nem de longe quer dizer que deixou de ser senhora de si: seguia indo aos salões, fazendo os cabelos e as unhas, trabalhando e conquistando espaço. Lipovetsky (1989, p. 15) escreveu que a “Moda não faz desaparecer as reivindicações e a defesa dos interesses particulares, ela as torna mais negociáveis, as lutas de interesses, os egoísmos permanecem”.

A moda permitiu que ela fizesse todas as suas escolhas, desde trabalhar até casar-se em idade relativamente avançada, aos 37 anos, coisa impensável para a patriarcal sociedade da época. Assim, é possível dizer que a moda é mais que meramente vestir-se: é sobre escolhas, sobre liberdade, sobre independência, ideologias.

Inserido no cenário político mundial, o Brasil travava suas próprias guerras ideológicas. Lipovetsky (1989, p. 20) escreveu, em *O Império do Efêmero*, o excerto abaixo:

Indivíduos atomizados, absorvidos consigo mesmos, estão pouco dispostos a considerar o interesse a renunciar aos privilégios adquiridos; a construção do geral, futuro tende a ser sacrificada às satisfações das categorias e dos indivíduos do presente. Comportamentos altamente problemáticos quanto ao vigor do espírito democrático, quanto à capacidade de nossas sociedades de se recuperar, de se readaptar a tempo, de ganhar a nova guerra dos mercados.

Essa definição universalizada é de valia inestimável se tratando de um olhar sobre o cenário político brasileiro: um governo ditatorial, com a estética do Eixo e a dependência econômica dos Estados Unidos criou uma inigualável tensão; éramos guiados pela *Arte da Guerra*, livro de Sun Tzu (1996), tanto quanto Adolf Hitler ou Mussolini.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou demonstrar como a moda é um signo de poder e parte essencial do entendimento de uma sociedade e um período. Entretanto, pouco após sua conclusão, América foi diagnosticada com senilidade em estágio inicial, tornando algumas das informações por ela passadas menos confiáveis. Mesmo com os detalhes de sua vida pessoal que acaso não sejam verdadeiros, eles não desqualificam ou diminuem o estudo de seu modo de vida, comprovado pelas fotografias aqui expostas.

A vida de América Ferreira Melchiori mostrou-se bastante peculiar e, no conceito de Carlo Ginzburg, representativa de um momento histórico – mesmo sendo apenas uma vida (Ginzburg, 1987) –.

A sociedade brasileira sempre se caracterizou por ser conservadora nos costumes – e violenta com as mulheres de um modo geral, principalmente aquelas que desafiavam as ordens patriarcal e machista típicas da cultura brasileira –. Em muitos sentidos, a mulher era propriedade do homem – do pai, inicialmente; e do marido, posteriormente –. As várias legislações brasileiras limitavam demais o papel da mulher na sociedade; o Código Civil de 1916, por exemplo, determinava que as mulheres casadas eram incapazes: para trabalhar fora ou assinar documentos, era necessária a autorização expressa do marido.

Muitas mulheres da sua época não se conformavam com as imposições sociais, mas, praticamente, sucumbiam perante as forças da sociedade conservadora: eram agredidas violentamente, abandonadas e desprezadas pela sociedade. O caminho da prostituição era comum em tais circunstâncias; o suicídio, constante; e a solidão, implacável.

América Ferreira Melchiori não concordava com tal situação. Como muitas mulheres da sua época, estava limitada ao papel de filha obediente e esposa dedicada. Ela seguiu o seu próprio caminho: seria professora, e não dona de casa como seu pai determinara; e seria a figura ativa no casamento, discutindo com pé de igualdade todos os caminhos de vida do casal.

Os mecanismos sociais repressivos limitavam as possibilidades de ação das mulheres com mais independência. Mas América Ferreira Melchiori encontrou um mecanismo, uma ferramenta eficiente, moderna e cultural para encontrar o seu próprio caminho: a moda.

A moda, antes vista como forma cultural superficial e instantânea, aparece cada vez mais como consequência do universo urbano e industrial para manter a ordem desigual das sociedades: compre as novidades sem pensar sobre elas!

Moda é uma produção intelectual humana – representa, com suas características próprias, o seu momento histórico, como qualquer produção cultural conhecida –. Sua aparente

“superficialidade” e “instantaneidade” pode produzir efeitos avassaladores em sociedades mais fechadas: apresenta o novo e o belo de maneira contundente e arrebatadora.

Vários estilistas, com seus modelos de roupas imensamente diferentes da lógica do momento, apresentaram questões culturais inovadoras; o cinema, fonte de entretenimento por excelência (criticado, de um modo geral, por sua superficialidade, mas que sempre produziu grande dinâmica cultural em várias sociedades), criou verdadeiros universos mentais e sociais que seriam admirados por milhões de pessoas (muitas vidas mudaram realmente perante um filme); e a música, com suas mensagens no som e nas letras, além de visuais chocantes (Elvis Presley, Beatles, Sex Pistols etc.), mudaram o mundo.

América Ferreira Melchiori percebeu, pela moda das revistas, dos filmes e da música, que poderia sair de um universo injusto para as mulheres. Ao usar uma roupa de uma revista (quer comprando-a ou costurando-a), ela deixava bem claro que não era uma expressão de “superficialidade” ou de “instantaneidade”: era um desafio contra um mundo limitado.

A moda, para América Ferreira Melchiori, foi mais do que uma expressão de gosto pessoal ou de vaidade: foi uma ferramenta de libertação.

REFERÊNCIAS

ACERVO FOLHA. Folha da Noite. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/busca.do?sort=asc&page=1&decadeStatus=&jornais=3&keyword=&periododesc=19%2F02%2F1921+-+31%2F12%2F1959&por=Por+Per%C3%ADodo&startDate=19%2F02%2F1921&endDate=31%2F12%2F1959&days=&month=&year=&jornais=3>. Acesso em: 04 . dez. 2025

ALENCAR, Beatriz. **O Papel da Moda: Jum Nakao**. São Paulo: Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade de São Paulo, 2022.

ANCIET ORIGINS. <https://www.ancient-origins.net/>. Acessado em 20 de agosto de 2021.

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BIAGI, Orivaldo Leme. **O Imaginário e as Guerras da Imprensa: Estudo das Coberturas realizadas pela Imprensa Brasileira da Guerra da Coreia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1964-1973)**. São Paulo: Editora Virtual, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**: Memória e Sociedade. Lisboa: Difel, 1989.

BRAGA, João e PRADO, Luís André do. **História da Moda no Brasil**: das Influências às Autorreferências. São Paulo: Disal Editora, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COLLECITONS. <https://collections.vam.ac.uk/item/O41517/lady-clapham-doll-unknown/>. Acessado em 20/11/2023 às 14h00.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOUVEIA, João. Competências: Moda ou Inevitabilidade? **Revista Saber & Educar**. Porto, Portugal: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, 2007.

IMAGENS. <https://images.app.goo.gl/XpFJrs4nqwNjfBNJ8>. Acessado em 15/10/2023, às 14h00.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a Moda e seu Destino nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 30. ed., São Paulo: Brasiliense, 1984.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. 10. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. 18. ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

V/A. **Nosso Século** (Coleção de 10 Volumes). São Paulo: Abril Cultural, 1985.

VENEZIANO, Neyde. **O Teatro de Revista no Brasil: Dramaturgia e Convenções**. São Paulo: Editora SESI-SP, 2013.